

AO SR. “Z”: RICHARD BURTON E “AS CARTAS DOS CAMPOS DE BATALHA DO PARAGUAI”

TIAGO GOMES DE ARAÚJO*

RESUMO: A reflexão aqui proposta tem como objetivo apresentar uma análise das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* produzidas por Richard Burton, cônsul britânico na cidade brasileira de Santos. Nosso intuito se justificativa pela tentativa em apresentar os elementos histórico-sociais da Guerra do Paraguai (1864-1870), maior conflito sul-americano em severidade, ou seja, significativo seja em perdas materiais, mas principalmente humanas. A guerra envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, que de acordo com a nova historiografia do conflito, se bateram nos campos de batalha na luta pela hegemonia política e territorial na região do rio da Prata. As correspondências utilizadas como fontes históricas além de nos fornecer um rico quadro sobre as nuances que marcaram este evento histórico, também nos convidam à valorização deste tipo de base documental como recurso interpretativo. Para facilitar nossa incursão histórica pelos campos de batalha extraímos alguns trechos das cartas que contêm uma diversidade temática proveitosa para aqueles que desejam se aprofundar no estudo da guerra.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai. Cartas de Guerra. Richard Burton.

ABSTRACT: Reflection proposed here aims to present an analysis of the Letters of the Battlefields of Paraguay produced by Richard Burton, British consul in the Brazilian city of Santos. Our aim is justification for the attempt to present the historical and social elements of the Paraguayan War (1864-1870), the largest South American conflict in severity, ie, the mean is in material losses, but mostly human. The war involved Brazil, Argentina and Uruguay against Paraguay, that according to the new historiography of the conflict, fought on battlefields

* Doutor em História Social pela *Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília* (2012). Professor de História do *Instituto Federal de Goiás – Câmpus Águas Lindas*. e-mail: tiagoinstitucional@gmail.com

in the struggle for political and territorial hegemony in the River Plate region. The correspondences used as historical sources and provide us a rich picture of the nuances that marked this historic event, also invite us to the appreciation of this type of evidence base as an interpretive resource. To facilitate our historical foray across the battlefields pulled some excerpts from letters that contain a useful thematic diversity for those who wish to deepen their study of war.

KEY WORDS: Paraguayan War. Letters of War. Richard Burton.

O presente artigo se dedica ao estudo das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* escritas Richard Burton¹, representante diplomático britânico no Brasil. A primeira edição da obra foi publicada em Londres no ano de 1870. Nosso objetivo é tentar perceber as impressões e entendimentos da guerra na percepção de um autor estrangeiro que apesar de não ter presenciado nenhuma batalha de perto, colheu entrevistas e informações que lhe auxiliaram a compor um quadro analítico do conflito.

No Brasil, as cartas de Richard Burton foram organizadas pela *Biblioteca do Exército*. O presidente do *Instituto de Geografia e História Militar do Brasil*, Coronel Macedo de Carvalho elaborou, à época da publicação (1997), uma rica apresentação que contém traços biográficos do autor e um resumo das temáticas presentes nas correspondências.

Antes do conflito platino, Burton já havia visitado o Brasil, na qualidade de naturalista-explorador, dirigindo-se à atual região aurífera próxima à cidade de Juiz de Fora. Viajou também por cerca de 2000 quilômetros pelo Rio São Francisco chegando à cachoeira de Paulo Afonso na Bahia. As impressões de Burton sobre aquela viagem foram publicadas em duas obras *Viagem do Rio de Janeiro à Morro Velho* e *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico* (CARVALHO, 1997: 8).

Talvez movido por seu espírito aventureiro, que marcou sua carreira profissional e pessoal, Burton partiu rumo aos campos

1 *Sir* Richard Francis Burton, nasceu na Grã-Bretanha em 1821 e morreu em 1890 na Itália. Atuou a serviço da Coroa britânica como soldado, agente secreto e diplomata. Foi naturalista, escritor e tradutor. Era fluente em 29 línguas e inúmeros dialetos. No Brasil exerceu a função de diplomata, conquistando a amizade de D. Pedro II.

de batalha guarani. O autor não chegou a presenciar nenhum combate, “mas percorreu os campos de batalha do teatro de operações, entrevistou generais e conversou com soldados aliados” (CARVALHO, 1997:8).

Num certo tom jornalístico, o escritor das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* endereçou vinte sete cartas a um destinatário anônimo chamado de “Z”. Além das correspondências, Burton ainda nos apresentou um “longo ensaio introdutório” sobre a história do Paraguai e um mapa das terras guaranis da época do conflito. A edição brasileira veio enriquecida com algumas fotografias do teatro de operações paraguaio (CARVALHO, 1997: 9).

As correspondências revelam elementos históricos por vezes ausentes das interpretações da historiografia tradicional, preocupada na maioria das vezes em perpetuar condutas consideradas exemplares, porque percebidas nos atos dos grandes homens que transformados em heróis a serviço de governos e grupos, buscaram fama e glória, excluindo de suas pautas o reconhecimento das ações não menos importantes dos soldados, dos marinheiros, das mulheres, dos negros. Enfim, daqueles que lutaram em favor de uma causa e tiveram suas vozes silenciadas.

Ressaltando essa importante dimensão das correspondências como fontes históricas, Renato Lemos lembra que a carta pessoal é um espécie de “veículo de comunicação individual e restrito” (LEMOS, 2004: 7), não é redigida para o “conhecimento geral ou publicação” (Ibidem: 7). As cartas devem ser tratadas como ambiente de comentários, de informações. Nelas encontramos interpretações, elogios, ofensas, apresentações e cobranças, pois conjugam “a infinidade de verbos que exprimem a riqueza contida no amplo arco que vai da trivialidade à nobreza da vida” (Ibidem: 7).

Maussaud Moisés credita a Baudelaire o valor literário da correspondência. Essa forma de expressão escrita pode transformar as “sensações em símbolos” (MOISÉS, 2004: 91), criando intimidades, recorrendo às formas, aos movimentos, aos números, às cores, aos perfumes, num caminho claramente sinestésico que parece nos colocar como mais um autor da trama,

um espectador que assiste, mas parece também atuar.

Para além da constituição fortemente privada das cartas e correspondências da guerra, existe também sua dimensão social de suas difusões que não podem ser desconsideradas: “não me conformo com a doutrina de que as peças de correspondência particular são sempre propriedade de quem os escreveu” (JACEGUAI apud LEMOS, Op. cit., 11).

O diplomata britânico Richard Burton dedicou sua obra ao presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento, que governou aquele país entre 1868 e 1874. O escritor pretendia fornecer aos leitores o “desenrolar das hostilidades verificadas no palco daquela China mediterrânea” (Ibidem: 9). Para ele, o conflito platino fora essencialmente uma “guerra de trincheira que – após o *Waterloo* de Loma Valentina – terminou em luta de guerrilha” (Ibidem: 9).

Burton não fez questão de esconder o conceito depreciativo que alimentava sobre os paraguaios. *Sir* Burton reconhecia o destemor dos soldados paraguaios por oposição às “vontades indomáveis” de seu chefe, Solano López. Ao contrário das críticas proferidas contra o povo paraguaio e seu líder, o escritor indicou simpatia pelo Brasil (Ibidem: 9-10).

Nas palavras de Burton o principal objetivo da obra seria “dar uma nova visão do moderno Paraguai e trazer ao conhecimento público o relato simples e sem adornos daquilo que se apresenta a quem visita o local de uma campanha que, em nossos dias, traz morte e desolação aos belos vales dos rios Paraguai e Uruguai (BURTON, 1997: 19).

Nas próximas linhas analisarei as opiniões de um viajante estrangeiro que não atuou ativamente nos combates, mas presenciou um cenário pós-batalha e conversou com sobreviventes, objetivando compreender as razões que conduziram quatro países a entrar em guerra.

O desafio é entender como um indivíduo que não participou ativamente das batalhas criou imagens e representações sobre o conflito, construindo narrativas literárias da guerra, por vezes apresentam os embates com tons de paixão e sentimento ora como espaços de sofrimento e dor.

No longo prefácio de sua obra, Richard Burton emitiu uma série de opiniões sobre o conflito platino, que vão desde sua predileção à causa brasileira, por julgar pertinente e justa, quanto aos esclarecimentos de sua contrariedade aos desígnios desumanos da guerra e ao caráter supostamente tirânico do presidente paraguaio.

A guerra, que ainda devasta aquele pequeno teatro de operações, é um espetáculo que deveria apelar ao sentimento de solidariedade e à imaginação do homem. Raras vezes uma tragédia teria sido mais impressionante aos olhos do mundo. E essa luta tão acirrada tem-se mantido por um período longo demais, contra todas as esperanças e à beira do aniquilamento racial. Com tenacidade canina e heroísmo semicompulsivo, essa Esparta crioula tem defendido seu único ponto vulnerável – o curso do rio que corre de norte a sul e que forma sua fronteira ocidental – com obstinação de propósito, bravura selvagem e um persistente destemor, raros nos anais da humanidade (BURTON, 1997: 20).

É perceptível o caráter de monumentalidade que o escritor desejava impingir à Guerra do Paraguai, que para ele grande, pois além das sensíveis e significativas perdas humanas, testou a capacidade heroica e de luta de um país.

Ainda no Prefácio, Burton já definia seu entendimento sobre o país guarani numa linguagem depreciativa e redutora: “outros nada observam a não ser uma raça semibárbara riscada do mapa, uma obscura nacionalidade devorada, como dizem os cafres², por seus vizinhos; uma tirania desmedida cujo único objetivo é a auto-exaltação” (Ibidem: 20).

Sobre o Brasil, ao contrário, os elogios foram patentes, agindo como uma espécie de ideólogo do Império: “minhas simpatias vão ao Brasil, pelo menos enquanto sua “missão” for desazerrolhar, literalmente e não livremente, o grande Mississipi do Sul” (Ibidem: 21). Burton anunciou o cenário de suas observações: a luta entre a civilização e a barbárie, defendidas simultaneamente

2 **Cafre** *Adj.* 2 g. [...] 3. Pessoa rude, bárbara, ignorante. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 312.

pelos aliados contra o Paraguai.

Solano López é referenciado como um exemplo de tirania e despotismo, suas queixas se voltaram principalmente ao tratamento, nem sempre educado, dispensado aos estrangeiros no Paraguai. Apesar disso, Burton adjetivava a “estupenda energia e a vontade indomável do Marechal-Presidente López e seu pequenino mais resistente domínio, que jamais serão esquecidos nem lhes faltarão admiradores enquanto existir história” (Ibidem: 22).

As múltiplas e variadas impressões legadas por Richard Burton sobre o conflito platino foram produtos de suas viagens aos campos de batalha em dois momentos distintos. A primeira visita se deu entre 15 de agosto e 05 de setembro de 1868, já a segunda aconteceu no intervalo de 09 e 18 de abril de 1869.

Na carta de 22 de agosto de 1868, Burton comentou a relativa incapacidade militar de Solano López: “foi a primeira das muitas ações precipitadas na qual o Marechal-Presidente López desperdiçou suas dedicadas forças” (Ibidem: 260). No trecho seguinte o autor elogia o patriotismo paraguaio ao mesmo tempo em que parece lamentar os desígnios da guerra.

Indícios ainda frescos da luta de vida e morte jazem espalhados, e tudo falava do forte e veemente espírito de nacionalidade do paraguaio; os miseráveis restos de propriedade pessoal falavam eloqüentemente do coração que a pequenina República colocara na luta (BURTON, 1997: 291).

Além de comentários referentes à participação dos paraguaios na guerra e das características pessoais do presidente Solano López, Richard Burton também opinou sobre alguns aspectos sócio-históricos dos aliados brasileiros na Guerra do Paraguai (argentinos e uruguaios). Sua chegada à capital uruguaia, por exemplo, causou-lhe admiração: “sabemos que chegamos ao nosso destino. E uma pessoa de formação clássica, com ares clássicos de tempos passados, exclama: “*Montem, Video!*” (Ibidem: 98).

Logo este pequenino Uruguai – a verdadeira chave para o vasto e rico vale platino – que pertence geográfica, senão politicamente, ao Brasil; que por duas vezes foi ocupado pelo Império e que indiretamente provocou a presente guerra, chegará a seu destino óbvio (BURTON, 1997: 128).

Richard Burton se referiu a uma das motivações que desencadeou a guerra, pois revela sua crença que a invasão brasileira ao território uruguaio, aguçou os ânimos, principalmente do presidente paraguaio, que temia o desequilíbrio de forças na região platina e o desenvolvimento pleno dos interesses imperialistas brasileiros no Prata.

O escritor britânico descreveu a partir de depoimentos de terceiros, a tomada da cidade uruguaia de Paissandu: “o sítio de vinte e oito dias terminou ao cabo de cinqüenta e duas horas de tremendo fogo, e Paissandu caiu às 7 horas da manhã do dia dois de janeiro de 1865” (Ibidem: 193).

Além de descrever a situação dos uruguaios no conflito platino, o escritor teceu observações sobre a organização bélica argentina. Vejamos a riqueza de informações no trecho seguinte, datado de 24 de agosto de 1868.

Os argentinos deslocam-se com facilidade: é pequeno seu serviço de intendência e peles rústicas tomam o lugar das belas barracas brasileiras. Uma mudança de acampamento é necessária periodicamente, pois o terreno logo fica extremamente sujo. Os homens carregavam, além de munição, armas e equipamento, estacas para apoiar suas esteiras e peles, carne, cadeiras, mesas e tiro curto para fazer fogueiras. Eram acompanhados por mulheres a cavalo ou a pé, a horrenda borra da civilização, e por carroças, cujos raios das rodas eram amarradas com couro, que transportavam montões de “pilhagem” doméstica. Sendo mal pagos e muitas vezes não pagos de forma alguma, os homens precisam saquear para sobreviver. Como é de se esperar numa força desse tipo, não há nenhum ardor pela causa e *esprit de corps* é coisa que não existe. Como veremos, eles nem sequer se dão ao trabalho de enterrar seus mortos. Só são mantidos em ordem pela corte marcial e pelo pelotão pronto a entrar em ação à primeira advertência (BURTON, 1997: 282).

A tentativa de traçar um perfil individualizado dos países beligerantes ocupou Richard Burton, mas também a crítica às bases da união entre Brasil, Argentina e Uruguai em luta contra o Paraguai. Para ele, uma aliança artificializada e conduzida em meio a desapontamentos verificados em todas as partes: “A aliança dos aliados é, evidentemente, aquela de cão e gato. As altas autoridades concordam em não divergir, pois o vínculo de união é político e não simpatia” (Ibidem: 282).

Uma das maiores preocupações de Richard Burton ao escrever cartas ao Sr. “Z” era esmiuçar os ambientes que visitava, aproveitando a oportunidade para traçar os perfis psicológicos e pessoais de alguns personagens que atuaram na guerra. Exemplo disso é a descrição do assassinato do presidente uruaio Venâncio Flores.

Explica-se facilmente como tudo aconteceu. O General Flores, ao saber que mais uma revolução estourara ou, segundo outros, ao ser notificado por uma assinatura falsa de D. Pedro Varela, Presidente do Senado, dirigiu-se ao Palácio do Governo acompanhado de três amigos – M. Flangini, ministro de Negócios Estrangeiros. M. Marquez, ministro das Finanças, e o Secretário Errecart. Sabia-se que estava prestes a acontecer um ato de desespero, pois os lojistas tratariam de cerrar suas portas quando a carruagem se aproximou da praça principal. Logo passaria pela esquina da *Calle Juncal* com a *Calle del Rincón*, onde uma casa estava sendo construída. Foi então que montões de entulho obstruíram a passagem, segundo alguns, despejados por caçambas para deter o veículo. De repente, um grupo de pessoas, em número incerto de doze, oito ou quatro homens, saiu correndo das casas vizinhas e, evidentemente agindo em combinação, começaram a disparar tiros de pistola. O cocheiro e um dos cavalos foram atingidos, o que teve efeito de virar a carruagem. O General Flores puxou o revólver ao tentar-se defender, mas foi morto antes que pudesse usá-lo, com um tiro na boca e onze punhaladas. Seus amigos ficaram levemente feridos. Vinte ou trinta tiros foram disparados e os assassinos fugiram (BURTON, 1997: 111).

Richard Burton se ocupou também em marcar sua opinião sobre Bartolomeu Mitre, presidente argentino à época do conflito e comandante-em-chefe das tropas aliadas em guerra contra o Paraguai, cláusula e função militar prevista por ocasião da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança em maio de 1865.

A admiração pelo General Mitre não me deixa cego ao fato de que sua carreira mais recente traz a mancha de uma profunda imoralidade política por ter causado, por razões partidárias, e, mais ainda, por interesses pessoais e egoísticos, uma aliança militar cujo resultado é uma guerra desastrosa e nada honrosa (BURTON, 1997: 157).

Ainda na tentativa de definir perfis comportamentais e políticos, Burton revelou a conduta de José Justo Urquiza, outro personagem do conflito, presidente da província argentina de Entre-Rios, e defensor político da tese do federalismo portenho em detrimento da tentativa unitarista defendida pelo presidente Mitre.

D. Justo, após certificar-se prudentemente com nosso introdutor de que não era eu um “traidor”, tratou de sentar-se aí e manter conosco, *en tête-à-tête*, uma conversa em espanhol, a única língua que ele fala. Parte da conversa pode ser repetida aqui. O General declarou abertamente que, se o Marechal-Presidente López não tivesse invadido Corrientes, que ele considerava como parte de sua Mesopotâmia, tê-lo ia ajudado com 15 000 homens contra os *macacos*. É esse o vocabulário popular que se aplica aqui aos brasileiros, da mesma forma como seus próprios tupis conheciam os negros por “macacos da terra” e não das árvores (BURTON, 1997: 185).

As opiniões que Burton construiu sobre as personalidades de Mitre e Urquiza contrastam com o modo elogioso com que apresentou as características pessoais do General Osório. Aqui, uma vez mais, o escritor britânico não escondia sua predileção aos brasileiros.

Depois de ver tantos oficiais meio apaisanados, foi um prazer ouvir seu cumprimento militar, “Entre cavalheiro”, e a cordialidade de suas maneiras fez-me gostar dele imediatamente. É um homem robusto e

imponente, de seus cinqüenta a cinqüenta e dois anos, com o porte do gentil-homem rio grandense. Apesar da barba e dos cabelos grisalhos, seu olhar é jovial e brilhante. E feições puras e elegantes transmitem a mais franca e afável das expressões. É ele único general universalmente amado e respeitado tanto pelos argentinos quanto pelos brasileiros, e diz-que tal popularidade tem despertado o ciúme de seu chefe – o nome do General Osório não aparece nos boletins como merece aparecer (BURTON, 1997: 329).

Richard Burton creditou a Osório uma personalidade popular e bem-quista entre seus comandados. No entanto, essas mesmas referências não foram atribuídas ao Duque de Caxias, o autor das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* insinuou a responsabilidade daquele militar quanto à longevidade da guerra.

O Marechal Caxias tem sido acusado de ser excessivamente lento em seus movimentos militares. Mas seus amigos respondem que, embora lento, ele é seguro e nunca deixou de alcançar sucesso a longo prazo. Também é acusado de grande arrogância e de odiar estrangeiros. Sua *entorage* de mediocridades decorre do desejo que sente de reservar para si toda a glória (BURTON, 1997: 323).

Menções também foram feitas à participação do Conde d'Eu na guerra. Ao contrário das desconfianças patentes quanto ao comando bélico de Caxias, Burton via a nomeação do Conde d'Eu como fator de esperança para o desejado fim do conflito, tecendo elogios à pretensa boa vontade do genro de D. Pedro II em assumir aquela missão.

Sua Alteza Imperial o Conde d'Eu, com aquele devotamento aos interesses de seu país de adoção que sempre lhe caracterizou a carreira, prontificou-se voluntariamente a prestar serviços como comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras operando na República do Paraguai. E esses serviços foram aceitos no dia 22 de março de 1869. Comentava-se popularmente no Brasil que só Sua Majestade e o povo o apoiavam em meio a todas as dificuldades, a política da guerra, enquanto os conservadores que formavam o Governo demonstravam sinais de

querer uma paz honrosa. Muitos acreditavam, portanto, que o valente, simpático e jovem príncipe, ainda com vinte e sete anos, fosse vítima de política e fadado a fracassar. Previram-lhe uma recepção entusiástica – banquete com discursos, brindes e promessas a mancheias; muita pressa, muita azáfama e confusão; um movimento mais circular do que progressivo; e por fim, saúde comprometida e a resignação. O marido da Princesa Imperial, contudo, aceitou com resignação a tarefa de acelerar a luta, na qual estava virtualmente empenhado, e nisso perseverou de ânimo forte e com toda a energia de sua casa (BURTON, 1997: 399).

Em suas viagens realizadas aos campos de batalha nos anos de 1868 e 1869, Burton descrevia as peculiaridades geográficas dos espaços bélicos, preocupado em gerar compreensões sobre a intervenção da natureza e do meio ambiente no desenrolar do conflito.

Uruguaiana, uma cidade brasileira de quarta categoria no Alto Uruguai, fez nome durante a Guerra do Paraguai. Aqui reduziu-se a frangalhos o *Corps d'Armée* do leste, que o Marechal-Presidente López despachara, sob o comando do Coronel Estigarribia, para devastar o vale ribeirinho e efetuar a ligação com a coluna ocidental.

Acabamos de ver duas das quatro posições fluviais – Curuzu, Curupaiti, Humaitá e Angostura – que prestaram bons serviços aos paraguaios. De Cueva a Assunção, de 1865 a 1868, veremos que eles não tinham senão um único plano de defesa [...] (BURTON, 1997: 199 e 265).

A precisão com que Richard Burton descreveu os ambientes da guerra chega a ser espantosa, tendo em vista que não testemunhou nenhum combate corpo a corpo. O escritor relembrou a importância da retomada de Uruguaiana para os rumos da guerra, registrando também a ausência de elementos defensivos que pudessem de fato defender o território paraguaio.

Burton detalhou também os encaminhamentos bélicos da maior derrota aliada na Guerra Grande. Os elementos cotidianos são reforçados no intuito de apresentar um melhor dimensionamento dos resultados daquela contenda.

O assalto foi desferido ao meio-dia do dia 22 de setembro e Curupaiti revelou-se, sob o comando do General Diaz e depois do Coronel Alén, um Pei-ho. Em vez de atacar à noite, *em chemise*, os aliados investiram precipitadamente por um descampado, sob o terrível fogo de *schrapnel* e metralha, disparado por canhões de oito polegadas à queima-roupa. Os brasileiros sofreram menos, já que atacaram e capturaram uma pequena fortificação à direita, que estava parcialmente escondida na mata. Os argentinos lutaram com bravura até as trincheiras, a despeito da lama que chegava aos joelhos, mas logo verificaram que haviam esquecido das escadas. Ao assaltante não restou outra coisa que uma desastrosa retirada, deixando para trás 5000 mortos e feridos, ao passo que os paraguaios não tiveram mais que cinquenta e quatro *hors de combat*. O desastre encheu os argentinos de ódio e tristeza, fazendo com que os aliados declinassem de novas operações durante os dez meses entre 22 de setembro de 1866 e julho de 1867. Finalmente, Curupaiti, como muitos outros aspectos, foi evacuado pelos defensores, que deixaram simulacros de canhões para enganar os atacantes (BURTON, 1997: 265).

As características estratégicas, logísticas e de armamento utilizadas pelos beligerantes também preocupou o escritor: “até mesmo nos dias de paz os paraguaios se preparavam para um ataque ao longo do curso de seu rio, movidos pela idéia de que os aliados acabariam caindo na armadilha que lhes fora preparada” (BURTON, 1997: 258).

A defasagem do material bélico usado pelos beligerantes causava em Richard Burton (1997, p. 279) sentimentos de espanto e ao mesmo tempo admiração: “o armamento heterogêneo dos paraguaios constituía um espetáculo curioso [...] Ser morto por geringonças tão bárbaras acrescentava uma outra picada à picada da morte” (Ibidem: 279).

Burton também irá se surpreender com alguns comentários colhidos sobre a posição paraguaia de Humaitá. Após o revés de Curupaiti houve entre os aliados discordâncias quanto a passagem do trecho de rio defendido por aquela fortaleza. Ao visitar as ruínas de Humaitá o autor minimizou o poderio militar daquela localidade: “cheguei à conclusão de que Humaitá foi um monstruoso engodo e que, com o restante do público, eu fora induzido a acreditar que o ponto mais fraco da campanha

paraguaia era o mais forte” (Ibidem: 274).

Burton dedicou ainda vários momentos de sua narrativa na tentativa de apresentar os encaminhamentos estratégico-militares do conflito. Na carta de 10 de abril de 1869, o escritor se ocupou em mostrar o conjunto de batalhas que ficou conhecido como “Dezembrada”, e que obrigou Solano López a proceder uma intensa interiorização do restante de seu exército.

Burton dimensionou bem os resultados de uma daquelas contendas, a de Lomas Valentinas ocorrida em 23 de dezembro de 1868: “nesse lugar, cerca de 4000 paraguaios e 3000 brasileiros – número que alguns aumentam para 15000 e outros até 20000 – ensoparam o solo. Foi a batalha mais renhida de toda a guerra” (Ibidem: 357).

Para além dos embates terrestres, o diplomata britânico pontuou os níveis de atuação da Marinha Imperial nos rios platinos, enfatizando as dificuldades no uso de uma frota oceânica às condições de navegabilidade fluviais: “o Paraná exerce, então, o efeito de represar o Paraguai e as enchentes de 1868-69 afetaram materialmente as operações de guerra dos aliados” (Ibidem: 222).

No momento, a esquadra brasileira que se encontra no Rio Paraguai consiste num total de 39 quilhas e 186 canhões. Dez são couraçados com baterias blindadas, alguns com costados de madeira, e outros com balaústres e correntes. São seis os monitores, com três ainda em construção; na verdade, cada província será representada por um deles. O restante consiste de onze canhoneiras, sete vapores, uma corveta, dois brigues lança-torpedo, uma escuna e um brigue. A frota deverá ser aumentada com quatro novas canhoneiras vindas da Europa (BURTON, 1997: 296).

Apesar de reforçar sua intenção ao escrever as *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* quando dizia: “meu interesse agora, repito, é muito mais em pessoas e costumes, em acontecimentos e política, do que em geografia ou topografia”, Burton (1997, p. 132) nos brindou com a descrição de várias temáticas do conflito, que vão desde aspectos estritamente militares, das ações de indivíduos e personagens da guerra e suas repercussões, da

composição sistemática dos lugares que visitou, das relações sociais cotidianas, do estado sanitário das tropas (doenças e enfermidades), do registro de comportamentos heroicos e finalmente, da intervenção ambiental nos rumos do conflito.

Na carta de 11 de agosto de 1868, Richard Burton apresentou as maneiras pelas quais as intempéries da natureza afetaram a vida dos combatentes, aspecto valorizado e bem dimensionado na narrativa composta pelo diplomata britânico.

O pampeiro, que se espalha de sudoeste para sul-sudoeste, quase sempre é mais sentido nos países para onde sopra do que nas regiões onde se forma. É de dois tipos – o limpo e o sujo. O *limpio*, depois de ameaçar chuva deixa o céu claro e sem nuvens. O minuano reumático é tão cortante quanto o “leste negro” que açoita o litoral em Kent. Os marinheiros se queixam de que o Prata lhes parece, depois que saem do calor relaxante do Rio, o lugar mais inóspito que eles conhecem. Mas proporciona verdadeiro alívio ao calor escaldante e dá uma pausa de frescor revigorante. Frio e conseqüentemente seco, torna habitável até mesmo uma Buenos Aires com aqueles ares fétidos. O *pampero sucio* surge de uma linha horizontal de nuvens escuras, como arco do acabrunhante tornado da África ocidental e, na medida em que a cortina se aproxima do zênite, o vendaval com rugido e precipitação se abate sobre o mundo das águas. Provoca trovão quase ao mesmo tempo do relâmpago, não sendo incomum a queda de faíscas. Tais relâmpagos são tão perigosos nos pampas como nas pradarias norte-americanas. Calcula Azara que caem dez vezes mais raios no Paraguai do que na Espanha. E, estando no mar não falo de poeira. A chuva começa “cuspidos uns vinténs” de pingos e acaba aos cântaros. À noite o vento forte adormece, mas às vezes se enfurece por dois ou mesmo três dias, fazendo terrivelmente e desagradável até que pare de soprar (BURTON, 1997: 90-91).

O longo trecho anterior mostrou uma importante linha interpretativa das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* escritas por Richard Burton. Em vários momentos, o escritor compara as personagens e os ambientes da guerra com lugares que já havia visitado. Quando se referiu ao meio ambiente platino informou ao seu interlocutor (o Sr. “Z”) anônimo as paisagens do conflito e suas proximidades com imagens já conhecidas.

Em 14 de agosto de 1868, as comparações ainda continuam, no entanto, a linguagem utilizada para descrever a natureza da região platina foi ainda mais avassaladora. Novamente, o escritor mencionou experiências vivenciadas em lugares outrora percorridos.

Fiz duas rápidas visitas a Montevidéu. Na primeira, no dia 13 de agosto de 1868, por volta das 10 horas da noite irrompeu uma terrível tempestade com trovões, relâmpagos, vento e chuva, até que parecessem secar as comportas lá do alto. Os habitantes a compararam com o grande furacão do dia de São José em março de 1866, e em Buenos Aires cerca de trinta pessoas morreram afogadas. Não muito depois, o correio nos trouxe a informação daquele terremoto, talvez o mais catastrófico que a história registra. Tendo começado entre 5 e 6 horas da tarde, devastou a costa ocidental da América do Sul e o interior do Peru e do Equador. Como sempre acontece, os efeitos da onda atmosférica excederam a onda líquida, e até bem mais sérios do que esta foram os efeitos da onda sísmica. Pelo restante do ano e parte de 1869, tanto em Buenos Aires quanto em Montevidéu – para não mencionar outras cidades – fez frio, calor e tempo chuvoso, uma instabilidade de clima como há dez anos os cidadãos não se recordam de ter acontecido. Foi a mesma coisa em agosto de 1868, quando um terremoto no Havaí foi seguido por uma tempestade, o ar feito vapor, com raios correndo pelo chão. Naquele mesmo ano, em Nápoles, dilúvios de chuvas de verão com trovões e relâmpagos, que se estenderam de abril a setembro, acompanharam a erupção do Vesúvio (BURTON, 1997: 124).

O tempo natural e sua lógica intempestiva e inesperada são tratados pelo autor como mais um oponente, forte e praticamente invencível: “parece que o vento está sempre soprando para dentro de nós. E o verão mostra um rio pior do que o inverno. Com raros intervalos, o ar é sempre úmido, sufocante e depressivo” (Ibidem: 145).

A seguir, Burton nos forneceu um importante quadro da hidrografia platina, nos conduzindo aos rios onde se bateram homens em torno de causas consideradas divergentes. Em carta de 17 de outubro de 1868, o escritor mostrou uma intensa paisagem natural, que lhe causou espanto e admiração.

Geográfica e politicamente, o Uruguai é brasileiro, alimentado pelas chuvas copiosas do “Império do Cruzeiro do Sul”. Portanto, é razoavelmente doce e salubre, para não dizer claro e limpo – de qualquer forma, o sujo é um sujo limpo. O Paraná, com três quartos de sua extensão sujeitos ao regime das chuvas e um quarto ao regime da neve, carrega em seu bojo lama e sais trazidos dos desertos e dos solos mineralizados dos baixos Andes e, portanto em certas partes suas águas não são potáveis. Ambos são igualmente piscosos, sem obstáculos e mais ricos em madeiras do que o Reno; ambos têm, em média, um fluxo de dois em meio nós por hora, com um poder hidráulico suficiente para fazer qualquer engenheiro sonhar. Em ambos, as curvas se tornam mais agudas na medida em que as encostas se aplainam ou, o que é equivalente, quanto maior o volume da água mais reto é o seu curso (BURTON, 1997: 179).

Richard Burton informou ao Sr. “Z” que a lógica natural era utilizada como mecanismo estratégico-militar, principalmente pelos paraguaios, pois a maioria dos combates se deu em território guarani: “eles escolhiam, quando possível, um pontal baixo e pantanoso sujeito a inundação e derrubavam as árvores, de sorte a obrigar o inimigo a atuar em campo aberto” (Ibidem: 265).

O escritor britânico impacientou-se com as alterações abruptas da natureza: “a mudança foi anunciada com um temporal de relâmpagos e trovões” (Ibidem: 311). Mesmo quando o tempo natural se mostrava calmo e anunciante da temperança, logo se alterava e novamente apresentava sua faceta incontrolável.

A brisa que nos aliviou do mormaço era agradabilíssima e, sinceramente desejávamos um céu mais pesado do que os cirros ralos que os brasileiros chamam de algodão batido. Desagradável, mesmo para os acostumados, é a súbita mudança do frio úmido para o calor seco, e mais desagradáveis ainda são as imundícies representadas pelos “Srs, Borrachudos e Cia” (BURTON, 1997: 340).

Inconformado com as más condições de sobrevivência verificadas ao longo de suas visitas aos campos de batalha, o escritor transpareceu certa confusão ao referir-se à natureza, ao mesmo tempo benevolente e malfeitora. Vejamos na carta de 27 de agosto de 1868, a dubiedade de Richard Burton ao perceber a

ação do tempo natural sobre a vida dos combatentes.

Ainda dobrando a sudeste, desfrutei pela primeira vez no hemisfério sul de um bom galope sobre gramados frescos, macios e primaveris. Aqui e ali viam-se solanos, aqui chamados de *cepa de callo* e cogumelos riscados de vermelho que as pessoas comuns denominam “carne de sapo”. Em certos lugares havia poças, que o terreno argiloso retém por muito tempo. Os atoleiros, que no Brasil desaparecem depois do terceiro dia, aqui perduram por uma quinzena; o resultado é muito lamaçal ou um charco desagradável (BURTON, 1997: 302).

Outros elementos do conflito que geravam sentimentos de agonia e impaciência eram o estado sanitário das tropas, as altas taxas de contágio de doenças e enfermidades e o tratamento dispensado aos doentes e feridos.

Prestara serviços heróicos durante a terrível epidemia de cólera que devastou Rosário de março a maio de 1867, e de dezembro e fevereiro de 1867-68. Num único mês (abril), 492 vítimas foram enterradas no fundo da igreja. A maioria das pessoas fugia dos doentes e até dos que sofriam da benigna colerina – uma epidemia que as visita quase anualmente na época de calor intenso e das chuvas de outono. Meu colega contou com a eficiente ajuda das irmãs de caridade, com sua habitual dedicação à causa da humanidade sofredora, e de Mrs Hutchinson que, como ele próprio, não escapou incólume. Mas ele foi alvo, então, de um covarde ataque na forma de caricatura. Os médicos locais, que com tratamento de sangria mandaram inúmeras pessoas para a sepultura, compraziam-se em jogar lama num colega que curou muitos e muitos pacientes com clorofórmio, clorodina e com massagens de conhaque e solução de terebintina (BURTON, 1997: 217).

A dimensão da dor e do sofrimento que o conflito proporcionava aos seus participantes é patente no trecho anterior das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. A desmedida proporção de vítimas que agonizaram em virtude do acometimento de doenças espantava o escritor de forma recorrente: “me garantiu que os brasileiros perderam de cólera, num único dia, quatrocentos homens” (Ibidem: 324).

A ausência de práticas médicas que pudessem minimizar os flagelos das epidemias foi assunto marcante nas linhas escritas por Burton. A desumanidade cotidiana da guerra competia para seu imediato fim. A constante presença da morte foi registrada: “corremos algum risco de tifo mortal, chamada febre amarela, mas realmente resultante da putrefação de cadáveres, não enterrados, de seres humanos e bichos” (Ibidem).

O conflito entendido como espaço agonizante e temeroso, onde vidas são desperdiçadas, marca as correspondências de Richard Burton: “em toda a parte a campanha é considerada uma “guerra de negócios”, uma guerra ao Tesouro brasileiro, e dizem que são muitos os que ganham dinheiro às custas do soldado infeliz” (Ibidem: 332)

Cenas cotidianas são retratadas e nos conduzem à percepção da crueza do conflito: “tentativas têm sido feitas, na atual guerra, para queimar os mortos em montões de 50 a 100 cadáveres dispostos em camadas alternadas com lenha. Mas o troncado negro brasileiro queixa-se de que o inimigo paraguaio é muito magro para pegar fogo” (Ibidem: 170).

Na correspondência de 23 de agosto de 1868, percebemos as bases constitutivas das relações sociais cotidianas, ambiente onde os sentimentos humanos se apresentavam em meio à necessidade da luta, como causa merecedora de esforços impensáveis e desmedidos.

Diz-se que uma expedição de cerca de 1200 homens armados com espadas e granadas de mão, sob o comando do Capitão Xenes, depois de muitas farras e festas, foram despachados com presentes de charutos dados por Madame Lynch, que lhes disse “vão-se embora e me tragam de volta meus couraçados”. Numa noite escura como breu eles se lançaram aos remos de quarenta e oito canoas, amarradas aos pares por cordas de dezoito a vinte metros de comprimento, cada qual transportando vinte e cinco homens. Com esse plano eles tinham a abordagem como certa, porém a velocidade da correnteza fez com que muitos ultrapassassem os alvos e fossem parar exatamente no meio da frota. Cerca da metade atingiu o objetivo e saltou a bordo quase imperceptivelmente. As tripulações correram para baixo das escotilhas e para as torres – não antes, no entanto, que uns cinqüenta tripulantes foram mortos. Os

paraguaios tentaram lançar granadas de mão nas portinholas e correram em busca do local de entrada, como um gato atacando uma ratazana encurralada. O *Lima Barros* e o *Cabral* foram praticamente tomados. Mas não tardou que dois couraçados se colocassem ao lado de seus irmãos e varressem os conveses com rajadas de *schrapnel* e metralha. Nada restou para os sobreviventes paraguaios a não ser se lançarem na água em defesa da vida (BURTON, 1997: 272).

Sacrifício e disposição patriótica foram registradas nas *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. No desenrolar dos combates a vida ia ganhando novos significados, permanecendo entre a insistente fumaça do porvir ou esvaindo-se rapidamente na sombra negra da morte. No trecho seguinte, Burton apresentou bem essa faceta do cotidiano bélico.

A peste se estende por toda a parte, desde Corrientes, onde é pior, até Assunção. Ouvei falar de uma pessoa gravemente vitimada por um *jigger* que se fixara no globo ocular enquanto um rolo de tabaco estava sendo aberto. Havia uma infinidade de curiosidades para os curiosos, esporas de bronze, pás de cavalaria e mosquetes quebrados, restos de selas grosseiras, como as usadas pelos índios dos pampas, e tambores com faixa tricolor trazendo a inscrição: “*República del Paraguay, vencer o morir*”.

Uma meretriz paraguaia, magra que nem uma sombra, ainda vagava pelo cenário deserto; quando assobiamos para ela, esquivou-se furtivamente como um escravo fujão ou uma cadela danada (BURTON, 1997: 297).

Em vários trechos das cartas aqui analisadas nos deparamos com a recorrência das dificuldades vivenciadas durante a guerra, principalmente as agruras sofridas pelos guaranis: “urubus levantaram-se de carcaças inchadas de gado; cadáveres de paraguaios com cinturões de couro, boiando com o rosto para baixo, subiam e desciam de forma fantasmagórica, à deriva e ao sabor da correnteza” (Ibidem: 344).

A luta cotidiana pela sobrevivência aguçava os sentimentos humanos mais animais fazendo-os esquecer e deixar de lado os princípios da compaixão e da fraternidade. Se a guerra pode transformar momentaneamente inimigos em aliados quando estes tentam vencer a morte, também provoca atitudes distoantes

e dispensáveis.

Cerca de 200 defensores paraguaios foram mortos e dois canhões capturados; diz-se que quando o inimigo entrou na cidade, várias mulheres foram encontradas e mortas a tiro. O lugar tinha sido antes um hospital paraguaio e praticamente todas as casas traziam o letreiro “enfermaria”. Aqui, como também em Assunção e todas as outras localidades onde havia alguma coisa a ser saqueada, diz-se que os brasileiros cometeram excessos. É possível, entre 13 de novembro de 1865 e 20 de abril de 1868, um total de 2243 escravos foram comprados para o exército. Por outro lado, é certo que vivandeiros e comerciantes bascos e italianos eram os mais perversos e continuavam matando uns aos outros quando passamos. Nossos próprios patrícios também faziam das suas: um deles escapuliu com o sino da igreja e dois outros, tendo retirado de um crucifixo uma imagem de tamanho natural, vestiram-na com uma túnica azul e calças de algodão grosso e, apoiando-a nos braços, saíram andando em direção ao porto, fingindo que se tratava de um companheiro bastante embriagado (BURTON, 1997: 314).

A guerra foi visualizada em sua faceta insalubre e cruel: “nenhum paraguaio vivo restou nesta parte do país; o fedor era de carniça, como a Criméia, e a circunvalação só mostrava duas longas linhas de sepulturas” (Ibidem: 298).

Richard Burton nas *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* escritas primeiramente entre 15 de agosto e 05 de setembro de 1868 e, finalmente entre 09 e 18 de abril de 1869 apresentou várias opiniões sobre os sofrimentos vivenciados pelos combatentes: “por ora só registrarei que aqueles amigos alados, os mosquitos, a despeito do óleo, abrem picadas em nossas testas, e que jejéns, ou maruins, atacam com furor” (Ibidem: 264).

Apesar de ter atuado como observador e não ter experimentado de perto nenhum combate da Guerra do Paraguai, Richard Burton nos legou uma série de correspondências singulares para a interpretação sócio-histórica do conflito platino. Ao todo, escreveu dezessete cartas ao Sr. “Z” que constam de impressões sobre Montevideú, Buenos Aires, Rosário, Corrientes, Humaitá e Gran Chaco, cidades e regiões que visitou, além de opiniões sobre acontecimentos políticos, apreciações dos acidentes geográficos da região do Prata, seus rios, sua fauna e sua flora, algumas

comparações da sociedade platina com a inglesa, demonstrando opinião favorável à causa brasileira (SQUINELO, 2001: 108-109).

Por ser estrangeiro e não ter atuado diretamente na Guerra, a visão de Richard Burton sobre o conflito apresentou elementos múltiplos e ao mesmo tempo abrangentes sobre o conflito. O escritor acreditava que o Brasil defendia os interesses dos valores civilizados, exemplificados na figura do imperador D. Pedro II, de quem era admirador e amigo, contra os possíveis desequilíbrios dos agrupamentos políticos e sociais das repúblicas platinas.

Portanto, as menções aos países integrantes da região do Prata são quase sempre depreciativas, na tentativa de apresentar as pretensas falhas de organização coletiva e ressaltar as pretensas qualidades brasileiras, justificando a atuação do Império nas questões platinas.

A atuação brasileira no conflito se revela *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* como espelho do outro. Ou seja, construímos imagens de nós mesmos por oposição aos paraguaios, argentinos e uruguaios. Como espécie de caleidoscópio, o Brasil na guerra aparece ambientado num cotidiano plural e multifacetado, modificado pela relação dos combatentes com a natureza, pelos sofrimentos vividos diuturnamente, pelo gosto extemporâneo das vitórias diárias, enfim, pelas variadas maneiras como se relacionavam nos campos de batalha.

As fontes históricas analisadas neste artigo, cartas de guerra, são válidas para apresentar as fronteiras de demarcação do movimento da história e sua projeção sobre as memórias constituídas. Exemplo disso é a reconstituição dos caminhos e trajetos por vezes contraditórios, entre Nação e Estado como estereótipos complementares, pois “uma depende da outra para exteriorizar-se, mas ao mesmo tempo, se negam uma vez que ora a nação busca revolucionar o Estado, ora é o Estado que limita e constringe a coletividade nacional” (OLIVEIRA, 2009: 246-247).

A Guerra Grande, como é nomeado o conflito platino pelos paraguaios, foi mais uma instância histórica onde se inter-relacionaram anseios individuais e coletivos. Nem sempre os

desejos de utilização da contenda como elemento agregador de sentimentos patrióticos encontrou absoluto esteio nos campos de batalha.

Fábricas de memórias, as correspondências produzidas durante a guerra, proporcionam uma análise do conflito como uma espécie de movimento orquestrado, de estratégia que pode favorecer a solidariedade e a mobilizações que se engendram num “processo permanente de eliminação e escolha” (GEARY apud CANDAU, 2011: 47).

Se entendidas como registro de memórias coletivas, as cartas analisadas se convertem em exemplos de narrativas memoriais que sofrem em maior ou menor grau a influência de “marcos de pensamento” e experiências, que podem se reunir e se dividir, se encontrar e se perder, se separar e se confundir, se aproximar e se distanciar em “múltiplas combinações que formam, assim configurações” de memória “mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas” (CANDAU, 2011: 49).

Portanto, ao indicar a relevância das *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* (1864-1870) para o estudo do conflito platino pretendemos colaborar para uma análise histórica que possa colaborar no sentido de aperfeiçoar as atuais reflexões sobre a temática, pois decisiva para a formação dos Estados nacionais na região platina, as interpretações sobre a Guerra do Paraguai ainda permanecem carentes e ausentes, pois exageradamente apaixonadas, imbuídas pelo excesso de sentimento e revanchismo, trazem versões incoerentes e desatualizadas com atual “estado da arte” das pesquisas que por hora estão se desenvolvendo sobre o conflito.

Referências bibliográficas

- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARVALHO, L. P. Macedo. Apresentação. BURTON, Richard Francis. *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Guerra do Paraguai – 2ª visão*. Brasiliense: São Paulo, 1991.
- _____. *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- _____. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios, 2009*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org>
- LE MOS, Renato. *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999.
- MAESTRI, Mário. Cartas desde o Front da Guerra do Paraguai. *Revista Espaço da Sophia*, n. 24, Março de 2009.
- _____. A Guerra do Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002] – parte I. *V Encuentro Anual del CEL*, 2008.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. Estado nação e escrita da História: propostas para debate. CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- _____. A Guerra do Paraguai, a “Questão Servil” e a Questão Nacional no Brasil (1866-1871). PAMPLONA, Marco Antonio & Ana Maria Stiven (orgs.) *Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- SQUINELLO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: UCDB, 2002.
- TORAL, André. *A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870)*. São Paulo:

Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

_____. *Adeus, Chamigo Brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.